

MORENO SECO, Mónica (ed.) (2020). *Activistas, creadoras y transgresoras. Disidencias y representaciones*. Madrid: Dykinson, S.L., 364 pp., ISBN: 978-84-1324-798-4.

Assumindo que “well-behaved women seldom make history” (ULRICH 2007: 20), a presente obra coletiva incide, conforme o título permite antever, em estudos de género e, mais concretamente, em mulheres *activistas, creadoras e transgresoras*, nas respetivas *disidencias y representaciones*.

Editada, oportunamente, por Mónica Moreno Seco, Professora Catedrática de História Contemporânea do Departamento de Humanidades Contemporâneas da Universidad de Alicante, a obra em recensão foi, também, publicada, no âmbito do projeto *Género, compromiso y transgresión en España, 1890-2016* (FEM2016-76675-P), financiado pelo Ministério da Economia e da Competitividade.

A introdução, subordinada ao título *Género, creación y transgresión* (p. 13-23), é, desde logo, esclarecedora dado permitir analisar e, eventualmente, [re] pensar, atendendo ao crescimento de vozes questionadoras dos pilares básicos do discurso feminista, o ativismo, as criações e as transgressões, de índole privada, íntima e pública. Importa, por conseguinte, conferir “visibilidade às mulheres e às relações sociais de género no processo histórico” (VAQUINHAS 2019: 48).

O livro reúne dois blocos, distribuídos por nove capítulos, num total de onze autores. O primeiro, dedicado a *Transgresiones, Sexualidades y Revoluciones en el Primer Tercio del Siglo XX*, possui quatro relevantes e esclarecedores contributos.

Tensiones eróticas en la “demencia” del cuerpo femenino: la histeria en la literatura científica y periodística española desde el referente francés (1890-1936) (p. 27-56), da autoria de Jordi Luengo López, elucida relativamente à importação, de correntes europeias, da “noção” de histeria em Espanha. As respetivas implementação e disseminação ocorrem, por seu turno, sem descurar publicações periódicas, através dos discursos científico e literário.

A histeria age – dado cercear, marginalizar, silenciar e subalternizar (MELO 2018: 53) a liberdade de ação feminina, nomeadamente devido ao receio de internamento em asilos – enquanto mecanismo de manutenção hegemónica patriarcal, cujo decréscimo advém de avanços na área da medicina, de índole tecnológica e, sobretudo, da ressignificação identitária da Mulher.

Ana María Díaz Marcos, por seu turno, discorre acerca de *Terroristas de la palabra: reacciones a la “furia” periodística de Rosario de Acuña y Margarita*

Nelken (p. 57-78). Acuña e Nelken foram, enquanto mulheres dinâmicas e ativistas, encaradas na ótica de invasoras de espaços masculinos e, pelo exposto, apelidadas de “Agentes de terror” (p. 64), de desobedientes e de depravadas. O jornalismo aguerrido, e, mais concretamente, a defesa dos direitos da Mulher redundaram, para Rosário de Acuña (1850-1923), no exílio em Portugal. Margarita Nelken (1894-1968) recebera, sobretudo, devido à publicação de “Las hembras de los señoritos”, o timbre de sanguinária revolucionária, raivosa (p. 68), incitadora de violência e mulher de vida licenciosa (p. 69), forçada, pelo exposto, a exílio no México. Fruto, também, da perseverança de Acuña e de Nelken, “persistência” constitui, desde 2017, um dos slogans inerentes às manifestações de índole feminista (p. 78).

Versos y otras transgresiones femeninas en la España de la República. Los poemas de Ana María Martínez Sagi (de “Caminos” [1929] a “Inquietud” [1932]) é-nos trazido por Helena Establier Pérez (p. 79-112), numa cativante leitura da vida ímpar, nos domínios público e privado, de Martínez Sagi (1907-2000). A escritora militou, movida pela “capacidade feminina de transgressão” (p. 80), no nacionalismo catalão, tendo sido, aquando do exílio, enérgica colaboradora da Resistência Francesa.

Profundamente avessa aos “modelos de ócio” implantados na burguesia feminina, Martínez Sagi – recordista feminina em Espanha, em 1931, de lançamento de dardo – envidou esforços no sentido de agir enquanto força motriz de um “novo apostolado” (p. 87) da corporeidade feminina, respetivos cânones de beleza e de saúde, propondo, em suma, uma “nova vida”, prenhe de liberdade de ação, para a denominada “mulher moderna” (GARCERÁ 2020: 19).

Ana Cacciola aborda *Del ocultamiento a la rebelión: la evolución humana y poética de Lucía Sánchez Saornil* (1895-1970) (p. 113-140). Sánchez Saornil contribuiu, mormente em Espanha, para a queda de estereótipos de género inculcados pela sociedade patriarcal (p. 115), assumindo discurso lírico anti-conformista relativamente aos preceitos sociais vigentes, tendo compaginado a atividade literária e a militância política.

Propõe, aquando do regresso do exílio, em França, delineamento de nova abordagem das “funções” de género nas relações amorosas, concretizada, metodicamente, na anulação do “desumano” estatismo, da passividade e da inferioridade femininas, assente, sem descurar a relevância da sensualidade feminina, em igualdade.

Subjetividad, Activismo y Representaciones Actuales, segundo grande tema da obra, apresenta cinco capítulos. No primeiro, subordinado a *Vidas de compromiso y transgresión de una generación política. Desde el tardofranquismo a la*

actualidad (p. 143-170), Eva Espinar-Ruiz e Mónica Moreno Seco abordam trajetórias femininas do dealbar da década de 70 do século XX, vinculadas aos principais partidos oposicionistas da ditadura franquista (p. 143). Estamos perante mulheres disruptivas que, imbuídas da relevância de género, intentaram estabelecer cortes com a ordem vigente, de índole social e cultural, cujo raio de ação ultrapassava, amplamente, o ativismo político.

Elena Nájera [re]situa, em *El resto de la intimidad. A propósito de feminismo y resistencia...* (p. 171-194), o conceito de vida íntima e a respetiva intersecção com a “insaciável esfera público-privada” (ZAFRA 2019: 60). Urge, na dinâmica da tríplice existência, assumindo que a opressão ativa a consciência feminista, conferir o devido relevo à intimidade “democrática” e igualitária, assegurando, também por esta via, a liberdade e a emancipação femininas.

María Pilar Rodríguez interpela, no trabalho subordinado ao título *Transgresión, compromiso y creación: Luisa Etxenike (1957-)* (p.195-220), a escritora, a comunicadora e a ativista cultural enquanto figura artística cimeira da perspectiva de género dado questionar, sob a lente ética e moral, o *status quo* atinente aos contextos político, social e cultural. Refuta, na qualidade de defensora acérrima da dignidade, a cultura da guerra, do terrorismo (ETA), em suma, do medo. Propõe, nos antípodas, o compromisso ético, particularmente vigoroso no que ao feminismo concerne.

María José Gámez Fuentes e Rebeca Maseda García, em *Transformando la victimización de las mujeres y la responsabilidad ante la violencia de género en “The Fall” y “Big Little Lies”* (p. 221-242), aludem à dicotomia feminismo/pós-feminismo e aos riscos inerentes na medida em que a assunção, falaciosa, de igualdade entre géneros enfraquece, genésicamente, o propósito feminista.

Assumindo a relevância comunicacional, e eventualmente transformacional, adstrita ao cinema, Raquel Medina, em *Madres, hijas y naturaleza: solidaridad y conflicto generacional en “La enfermedad del domingo”* (Salazar, 2018) y “*Con el viento*” (Colell, 2018) (p. 243-264), discorre acerca das temáticas centrais dos filmes referidos, cifradas em questões de género e relações intergeracionais, atribuindo particular destaque a mães e filhas, em profunda conexão com a natureza, o mundo rural na sociedade contemporânea (p. 245) e o ecofeminismo, particularmente relevante, dada a “peculiar” afinidade entre natureza e mulher, ambas sujeitas à exploração patriarcal (p. 262) e à conceção ecofeminista da natureza, segundo a qual o humano e o não humano se encontram fundidos.

A presente obra, editada por Mónica Moreno Seco, alcança, pelo exposto, destaque numa área historiográfica em crescendo, revelando-se merecedora de atenta leitura ao coligir valiosos contributos de reputados especialistas de áreas interdisciplinares, enriquecendo sobremaneira, também devido à clareza

expositiva dos capítulos, a experiência do leitor, quer nos reframos a académicos ou ao público em geral.

Bibliografia

- GARCERÁ, Fran (2020). ““Ya no tienen donde morir las ofelias”. Dos autoras en la Barcelona de la vanguardia: Elisabeth Mulder y Ana María Martínez Sagi”. *Revista Internacional de Culturas y Literaturas*, 23, 9-28.
- MELO, Ana Paula Branco de (2018). “Mulheres, loucura e escrita no século XIX: um estudo sobre a obra “O papel de parede amarelo de Charlotte Perkins Gilman (1892)””. *Revista Mundo Livre*, 4, 2, 48-57.
- ULRICH, Laurel Thatcher (2007). *Well-Behaved Women Seldom Make History*. New York: Alfred A. Knopf.
- VAQUINHAS, Irene (2019). “História das mulheres e de género em Portugal: horizontes temáticos e desafios atuais”. *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, número extra, 37-55.
- ZAFRA, Remedios (2019). “Conferencias Araguren ¿Fin de la intimidad? La (im)posibilidad de un mundo sin párpados. Ensayo sobre la intimidad conectada”. *Isegoría. Revista de Filosofía Moral y Política*, 60, 51-69.

SÓNIA NOBRE

Universidade de Coimbra, CHSC

soniamfnobre@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6312-2641>

